

FIGURATIVIZAÇÃO DO TEMPO EM “IDADES CIDADES DIVINDADES” (2016), DE MIA COUTO

Marilde Alves da SILVA*
Alexandre António TIMBANE**

■ **RESUMO:** O escritor moçambicano Mia Couto tem sido dos mais destacados na arena literária. Autor de estilo próprio e característico, escreveu contos, romances, crônicas e poesia. Seus textos foram publicados e traduzidos em diversas línguas, a exemplo do italiano e francês. Esta pesquisa pretende investigar a figurativização do tempo em sua poesia a partir da obra “Idades Cidades Divindades” (2016)¹. Especificamente, pretende-se compreender os efeitos de sentido da temporalidade linguístico-semântica em poemas figurativos e temáticos e verificar qual função ou funções essa temporalidade exerce no texto coutiano. A metodologia da pesquisa foi bibliográfica e qualitativa, com foco nas relações de figurativização. Os resultados mostram que o tempo surge na poesia ora como estrutura, ora como citação. Tais ocorrências revelam uma função básica, a de estruturante, ou seja, o tempo está a serviço de outros temas, como o amor, o sexo, o ser no mundo. Esta investigação se apoia na Semiótica Discursiva, a partir, principalmente, de Bertrand (2003) e Fiorin (2010).

■ **PALAVRAS-CHAVE:** Elemento estruturante. Figuratividade. Função. Mia Couto. Tempo.

1 Introdução

O moçambicano Mia Couto é biólogo, jornalista, escritor e poeta. Sua estreia literária está associada à publicação de seu primeiro livro de poemas, *Raiz de orvalho* (1983). Três anos depois, Couto lança o primeiro livro de contos, *Vozes*

* Universidade Federal do Ceará (UFC). Programa de Pós-Graduação em Linguística. Fortaleza, CE, Brasil – marilde@gmail.com.

** Pós-doutorando no Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pelo Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Estadual Paulista (UNESP). Araraquara, SP, Brasil – alextimbana@gmail.com.

¹ A data diz respeito ao livro “Poemas escolhidos”, que reúne uma seleção de poemas feita por Mia Couto de suas obras *Idades cidades divindades* (2007), *Raiz de orvalho e outros poemas* (1999) e *Tradutor de chuvas* (2011). Preferimos deixar a data do texto com o qual trabalhamos.

anoitecidas (1986), e, na década seguinte, publica o primeiro romance, *Terra sonâmbula* (1992), com o qual ganha, em 1995, o “Prêmio Nacional de Ficção” da Associação dos Escritores Moçambicanos. Couto recebeu outros prêmios importantes internacionalmente, como é o caso do “Prêmio Camões”, de 2013.

Mia Couto foi traduzido em diversos idiomas, a exemplo do alemão, francês e italiano. O autor transita por variados gêneros, como a crônica, o conto, o romance e a poesia. Apesar dessa variedade, ele se notabilizou na prosa, tendo mais de vinte obras publicadas, enquanto a sua poesia parece ocupar um espaço menor em relação àquela, já que o autor publicou poucos livros de poemas, a saber: *Raiz de orvalho* (1983), *Raiz de orvalho e outros poemas* (1999), *Idades cidades divindades* (2007), *Tradutor de chuvas* (2011), *Vagas e lumes* (2014) e *Poemas escolhidos* (2016). Uma primeira leitura de seus poemas nos levou à percepção da presença de uma temporalidade que parecia comportar-se como um fio estruturante de temas em torno do tempo. Essa intuição nos levou a perguntar de que maneira o poeta articula a noção de “tempo” em seus textos; como isso se manifesta no plano linguístico-semântico do seu fazer poético; e que função (ou funções) o tempo exerceria na poesia coutiana.

Nossas hipóteses são: a) a figuratividade em torno da noção de “tempo” ocorre por meio da instauração de um conjunto de figuras e/ou conjunto de temas, que aponta para uma temporalidade marcada por estratégias linguístico-semânticas; b) o tempo, como elemento abstrato, mantém essa característica quando manifestado por temas, mas sofre concretização ao se manifestar por figuras; c) o tempo se manifesta na poesia de Mia Couto como temática ou com função estruturante de temas tangenciais a ele, como “existência” e “eternidade”.

A fim de verificar a validade dessas hipóteses, temos como objetivo geral investigar a relação entre “tempo” e “figuratividade” em *Idades Cidades Divindades* (2016). Para alcançar esse objetivo geral, definiu-se como objetos específicos: a) compreender de que maneira a temporalidade manifesta-se na poética de Mia Couto a partir do fenômeno figuratividade; b) verificar quais figuras e temas manifestam a temporalidade na poética coutiana; c) examinar quais funções a temporalidade exerce na poética coutiana.

Quanto à metodologia da pesquisa, ela foi bibliográfica e qualitativa, com foco nas relações de figurativização, a partir da observação da presença da temporalidade linguístico-semântica. Para a fundamentação, recorreremos a Bertrand (2003), no que se refere ao estudo da figuratividade, e Fiorin (2010), sobre o estudo da temporalidade linguística. Para a abordagem da escrita coutiana, utilizamos Petrov (2014), Rodrigues e El Fahl (2016), Timbane (2015), Timbane e Bomfim (2020), entre outros autores.

A relevância desta pesquisa está atrelada, principalmente, ao exame da articulação das categorias “figuratividade” e “tempo”, cuja abordagem pode contribuir para a compreensão da percepção do tempo na poesia de Mia Couto, de modo estri-

to, e na Literatura Africana, de modo amplo. Além disso, segundo Castello (2016), o tempo seria um eixo central na poética de Mia Couto; portanto, a verificação dessa centralidade pode reforçar outras leituras da obra do escritor moçambicano, pois o tempo já foi objeto de pesquisa em sua obra em prosa, em especial no *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*.

Este artigo tem quatro seções: a primeira apresenta os conceitos de “figuratividade” e “tempo”. A abordagem da figuratividade requer a sua conceituação, bem como a definição de “figura”, “tema”, “iconização” e “abstração”, conceitos relacionados à figurativização. O tempo será discutido a partir da leitura de Fiorin (2010), que o divide em sete categorias, das quais mostraremos três: “tempo dominado”, “tempo demarcado” e “tempo sistematizado”. A segunda seção apresenta o autor Mia Couto e sua escrita, situando-a nas Literaturas Africanas e na Literatura Moçambicana. A terceira seção se dedica à metodologia, enquanto a última apresenta a análise de *Idades cidades divindades* (2016), ao que se seguem o encerramento e a bibliografia referenciada.

2 Conceitos básicos: figuratividade e tempo

2.1 Os graus de figuratividade

O estudo da figuratividade, em Semiótica Discursiva, deve iniciar pelos conceitos de “figura” e “tema”. De acordo com Fiorin (2016, p. 91), denomina-se “figura” o termo que faz referência a algo do mundo natural, a exemplo de “casa”, “sol” e “sereia”, ou seja, a figura pode remeter a elementos existentes ou ficcionais. Por sua vez, o “tema” é definido como “[...] um investimento semântico, de natureza puramente conceptual, que não remete ao mundo natural” (Ibid., p. 91), isto é, ele categoriza, ordena ou explica elementos do mundo natural. Por exemplo, no poema “Identidade”, de *Raiz de Orvalho e outros poemas*, temos o seguinte fragmento:

[...]
sou areia sustentando
o sexo das árvores

Existo onde me desconheço
aguardando pelo meu passado
ansiando a esperança do futuro

[...]
(COUTO, 2016, p. 75).

O enunciador do texto procura se definir, inicialmente, pelo uso de figuras (“sou areia” e “sexo das árvores”); depois, essa definição é realizada por temas, manifestados por uma sucessão de verbos (“existo”, “desconheço”, “aguardando”, “ansiando”), que buscam explicar o “ser” desse enunciador. Ademais, a presença predominante de “figura” ou de “tema” num texto resulta em sua classificação como um texto “figurativo” ou “temático”, respectivamente. Outro ponto a observar é a equivalência entre o caráter icônico da figura e o abstrato do tema, ambos relacionados ao conceito de “figuratividade”.

Bertrand (2003) afirma que o termo “figuratividade” tem origem na Estética, associado à expressão plástica, correspondendo à disposição de formas numa superfície para representar o mundo. Quando a Semiótica Discursiva se apropria desse vocábulo, ele passa a incorporar também os textos verbais, divididos em dois grupos: os “literários” e “não literários”, em que o primeiro seria propenso ao discurso figurativo, enquanto o segundo, ao discurso abstrato. Esses discursos, de acordo com Bertrand (2003), não são excludentes, pois o texto figurativo não é isento de abstrações, nem o texto abstrato é puramente conceitual.

Nessa perspectiva, existiria, entre esses discursos, um afastamento gradual. E, para dar conta desses graus, Bertrand (2003) postula uma escala, cujos polos são a iconização e a abstração. Essas duas novas unidades se aproximam dos conceitos de “figura” e “tema”, pois, assim como a figura, a iconização apresenta traços de alta densidade sêmica, enquanto o tema, assim como a abstração, tem baixa densidade sêmica.

O processo de figurativização também pode ocorrer por uso de figuras de linguagem e tropos, em especial na poesia, conforme Thamos (2003) argumenta. Segundo o autor, num poema a metáfora torna-se um recurso de figuração importante ao estabelecer aproximação entre dois termos, assim como a sinestesia, que remete à experiência por meio dos sentidos. Ele também menciona o uso da metonímia, das aliterações e assonâncias, que produzem no discurso uma ilusão referencial.

2.2 O tempo e suas astúcias

Fiorin (2010), em seu livro *As astúcias da enunciação*, apresenta o conceito de “enunciação” e suas categorias: “pessoa”, “espaço” e “tempo”. Ela é pressuposta pelo enunciado, que pode ou não apresentar marcas que retêm as categorias da enunciação. Quando um enunciado contiver as marcas da enunciação, teremos a “enunciação enunciada”, que se insere num sistema enunciativo. Contudo, quando o enunciado não expõe as categorias da enunciação (“eu-aqui-agora”), vê-se um “enunciado enunciado”, que se insere num sistema enuncivo. Por exemplo, no poema “Identidade”, mencionado no tópico anterior, simula-se a enunciação no enunciado mediante o uso de verbos em primeira pessoa (“sou”, “existo”), do

possessivo “meu” e do pronome oblíquo “me”. Por sua vez, no poema “Avesso bíblico”, da seção “Divindades”, há a referência a um “ele” (“Deus”, “ele”), que não integra as marcas da enunciação, mas aponta para o assunto; por isso, temos um enunciado enunciado: “No início, já havia tudo. / Mas Deus era cego / e, perante tanto tudo / o que ele viu foi Nada” (COUTO, 2016).

Ambos os sistemas (enunciativo e enuncivo) são retomados em Fiorin (2010), que reflete sobre o tempo avaliando-o por sete enfoques: “tempo dominado”, “tempo demarcado”, “tempo sistematizado”, “tempo transformado”, “tempo harmonizado”, “tempo subvertido” e “tempo desdobrado”. No entanto, não vamos abordar todas essas seções, pois nos interessam apenas as três primeiras, nas quais figuram os modos de organização temporal.

A primeira seção prepara os conteúdos da segunda, já que a reflexão que se estabelece em “Tempo dominado” se centra na investigação concernente ao tempo diante dos mitos e da Filosofia. Ao término dessa reflexão, Fiorin dispõe quatro categorias: “concomitância”, “não concomitância”, “anterioridade” e “posterioridade”, estudadas na seção “Tempo demarcado”, na qual o tempo é explorado como categoria linguística subordinada ao discurso, dividida em três momentos: de enunciação, de referência e de acontecimento.

O momento de enunciação (ME) é sempre pressuposto e estabelece, junto do momento de referência (MR) uma relação fundamentada na concomitância e não concomitância entre eles. Além dessas categorias, veem-se a anterioridade e a posterioridade, que se articulam exclusivamente com a não concomitância. Fiorin (2010) acrescenta que o ME é o eixo ordenador e gerador do tempo linguístico, enquanto o MR se relaciona à ordenação dos estados e transformações narrados no texto. Esses “estados e transformações” correspondem ao momento do acontecimento (MA), o qual é ordenado em relação aos diferentes MR.

Essas categorias são retomadas e articuladas com os tempos verbais na terceira seção, “Tempo sistematizado”. Fiorin (2010) diz que todos os tempos estão em relação ao momento da enunciação (ME), que instaura dois sistemas – enunciativo e enuncivo –, relacionados às categorias “concomitância” e “não concomitância”, respectivamente. Ainda nessa seção, o autor apresenta os tempos enunciativos e os enuncivos, além de sua relação com os três tipos de Momento de Referência: “presente”, “pretérito” e “futuro”. Cada um deles engloba tempos verbais organizados segundo concomitância/não concomitância, anterioridade/posterioridade. Vejamos o quadro a seguir:

Quadro 1: Momento de Referência

	Concomitância	Não concomitância	
		Anterioridade	Posterioridade
MR presente	Presente	Pretérito Perfeito 1	Futuro do presente
MR pretérito	Pretérito Perfeito 1 Pretérito imperfeito	Mais-que-perfeito	Futuro do pretérito simples Futuro do pretérito composto
MR futuro	Futuro	Futuro anterior	Futuro do futuro

Fonte: adaptado de FIORIN (2010).

Além dessa organização dos tempos verbais em relação ao MR, o autor trabalha com o advérbio, a preposição e as conjunções de tempo. Sobre os advérbios de tempo, afirma que “[...] a cada um dos Momentos de Referência aplica-se a categoria topológica *concomitância vs não concomitância (anterioridade vs posterioridade)*” (FIORIN, 2010, p. 162). O autor faz uso de muitos exemplos, dos quais selecionamos os mais representativos: o “agora” pode manifestar a concomitância no sistema enunciativo, enquanto o “então” manifesta concomitância no sistema enuncivo. Para expressar anterioridade no sistema enunciativo, utiliza-se “ontem”, enquanto, no enuncivo, utiliza-se “na véspera”. E, para revelar a posterioridade, emprega-se “amanhã” no sistema enunciativo e “no mês seguinte” para o enuncivo.

Além do advérbio de tempo, menciona os advérbios de aspecto e de sequencialização. Este também se articula em relação à concomitância (“nesse meio tempo”), à anterioridade (“mais cedo”) e à posterioridade (“após”). No entanto, os advérbios de aspectos denotam o aspecto pontual (“de repente”), durativo contínuo (“paulatinamente”) e aspecto durativo interativo (“muitas vezes”).

As preposições temporais, segundo Fiorin (2010), não apresentam sistema enunciativo ou enuncivo. Elas se articulam entre a concomitância e a não concomitância (“anterioridade” *versus* “posterioridade”). A primeira categoria é manifestada por elementos como “durante” e “no curso de”; a anterioridade é expressa por “antes de” e “anteriormente a”; por sua vez, a posterioridade ocorre com “após” e “depois de”. Assim como os advérbios, as preposições podem apresentar aspecto durativo (“desde”) ou terminativo-durativo (“até”), entre outros. As conjunções, de acordo com Fiorin (2010), se articulam em “sistema temporal” e “aspectual”. O primeiro manifesta simultaneidade (“cada vez que”), anterioridade (“antes que”), e posterioridade (“depois que”). O segundo tem aspecto incoativo (“desde que”) e terminativo (“até que”).

3 A poética de Mia Couto

3.1 A Literatura Moçambicana e Mia Couto

A literatura feita em Moçambique integra as Literaturas Africanas de Língua Portuguesa (LALP). Essa denominação engloba cinco países africanos que estiveram sob o domínio lusitano: Angola, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Guiné Bissau e Moçambique. No período colonial, os textos literários desses países priorizavam o ponto de vista do colonizador, enquanto o negro era estereotipado, visto como “inferior” e “coisificado”. Essa visão passa a ser questionada a partir dos movimentos “Renascimento Negro” e “Negritude”. O primeiro, cuja origem situa-se em Haiti, Cuba e Estados Unidos, diz respeito à “[...] busca e revalorização das raízes culturais africanas, crioulas e populares” (LARANJEIRA, 1995, p. 27). Por sua vez, a Negritude “constitui-se como processo de busca de identidade, de conduta desalienatória e da defesa do patrimônio e do humanismo dos povos negros” (Ibid., p. 29). Essa proposta se reflete na poesia da Negritude, que, na visão de Laranjeira (1995), destaca-se pelo “[...] obsessivo tratamento da raça e da cor negras”. Discordamos do autor nesse ponto, pois vemos nessa disposição um alinhamento com a luta identitária em um período de dominação portuguesa.

Sobre a Literatura Moçambicana, Laranjeira (1995) a divide em cinco períodos, os quais serão apresentados sucintamente: o primeiro estende-se da ocupação portuguesa em solo moçambicano até o ano 1924, considerado período de Incipiência, no qual “[...] não houve uma actividade literária consistente e continuada” (Ibid., p. 256). O segundo período compreende a publicação de *O livro da dor* (1925), de João Albasini, até 1945. Dessa fase, Laranjeira (1995) destaca o poeta Rui de Noronha, cuja obra contém moçambicanidade, a partir da apropriação “de temas e imagens segundo uma estratégia textual e ideológica” (Ibid., p. 258). O terceiro período centra-se entre 1945/1948 e 1963. Segundo Laranjeira (1995), esse intervalo corresponde a uma intensa formação da Literatura Moçambicana, a partir da consciência de grupo possibilitada pelo Neorrealismo e pelo movimento Negritude. Nesse contexto, a poesia de Noémia de Sousa, reunida em *Sangue negro* (1951), ganha destaque ao tematizar a “valorização da herança negra e a revolta contra a dominação colonial” (Ibid., p. 269). O quarto período compreende o desenvolvimento da Literatura Moçambicana, entre os anos 1964 e 1975. Nesse período, destaca-se Luiz Bernardo Honwana. Seu conto “Nós matámos o cão tinoso” (1964) retrata o período colonial e seu sistema de dominação. No mesmo ano, foi publicado “Chigubo”, de José Craveirinha, cuja obra, segundo Laranjeira (1995), contém quatro fases: Neorrealismo, Negritude, Moçambicanidade e Libertação.

O quinto período, a partir de 1975, corresponde à consolidação da Literatura Moçambicana. Nesse período de pós-Independência, saíram a lume livros “[...]”

que tinham ficado na gaveta ou se encontravam dispersos [...]” e os textos de “[...] exaltação patriótica, do culto dos heróis da luta de libertação nacional e de temas marcadamente doutrinários, militantes ou empenhados” (Ibid., p. 262). Esse panorama começa a modificar-se nos anos 1980, principalmente com a publicação de *Raiz de orvalho* (1983), de Mia Couto, e a revista *Charrua*, que se desviaram de uma literatura explicitamente combativa. A consolidação dessa mudança veio mediante a publicação de *Vozes anoitecidas* (1986), de Mia Couto, a partir da qual ocorre uma aceitação do uso criativo da palavra.

Mia Couto nasceu na cidade da Beira, Moçambique, em 1955, sob o nome Antônio Emílio Leite Couto. O “Mia” é alcunha recebida ainda na infância. Aos dezessete, mudou-se para Lourenço Marques, onde iniciou o curso de Medicina, sem terminá-lo. Nos anos 1970, exerce o jornalismo, trabalhando para *Agência de Informação de Moçambique* (AIM), revista semanal *Tempo* e jornal *Notícias*, entre os anos 1976 e 1985. Tendo abandonado a profissão, formou-se em Biologia, ofício que exerce até a atualidade.

Seus primeiros passos na Literatura foram com a poesia. Aos quatorze, Mia Couto já publicava poemas no jornal *Notícias da Beira*, sua cidade natal. E, aos 28 anos, publica seu primeiro livro, *Raiz de orvalho* (1983), que divide opiniões por se distanciar de uma poesia combativa ainda em voga naquele período. Esta não foi a única querela na qual a escrita de Couto esteve envolvida. De acordo com Petrov (2014), seu primeiro livro de contos, *Vozes anoitecidas* (1986), colocou em xeque o fazer literário moçambicano do ponto de vista temático e formal, dividindo as opiniões em dois grupos: um em defesa da liberdade criativa, destacando a dimensão estética da obra, em especial o uso de linguagem inovadora; outro, que reclamava a falta de uma representação da realidade moçambicana na escrita coutiana. Em republicação desse livro, em 1997, José Craveirinha aponta três características da obra, que ressoam em toda a escrita de Mia Couto: a) representação da sociedade moçambicana tradicional; b) transgressões lexicais que resultam em efeitos significantes; c) manifestação da moçambicanidade.

Sobre a inventividade linguística de Mia Couto, Timbane (2015), num artigo sobre o português moçambicano, destaca os neologismos a partir da obra *Terra sonâmbula*, a exemplo das composições “filho-dentro”, “viúvo-solteiro” e das aglutinações “brinciações” (“brincar” + “criações”) e “sonhambulante” (“sonhar” + “ambulante”). Ademais, há o recurso da transformação de adjetivos em verbo, como “pequenava” e “azarava”, ou da derivação por prefixo, como em “desdelicado”. Timbane ressalta que essa liberdade inventiva se liga ao estilo de Mia Couto.

A moçambicanidade em Mia Couto está associada tanto à inventividade linguística, já demonstrada, como aos elementos da realidade de Moçambique. Timbane e Bomfim (2020), ao comentarem *Terra sonâmbula*, frisam que a leitura desse livro possibilita passear por uma “realidade política, econômica, cultural

e histórica dos africanos, em especial a moçambicana” (TIMBANE; BOMFIM, 2020, p. 643). Os autores destacam alguns provérbios (“O que já está queimado não volta a arder”), conhecimento cultural (“Conversam para distrair os maus espíritos que sempre aproveitam o silêncio para engordar intenções”) e mitos ou tabus (“Os falecidos se ofendem se lhes mostramos nojo”) presentes na obra (Ibid., p. 645). Esses elementos também se relacionam com uma tradição da sociedade moçambicana e com a temática da ancestralidade, a qual diz respeito às práticas culturais e religiosas passadas de uma geração a outra, como forma de preservar a tradição.

Sobre a versatilidade de Mia Couto, Rodrigues e El Fahl (2016, p. 317) afirmam que “todos os gêneros literários nos quais escreve são utilizados pelo autor de forma constante para representar os conflitos identitários do seu país”. Nessa perspectiva, a diversidade de gêneros em Mia Couto apresenta um denominador comum, ou seja, a realidade moçambicana.

3.2 A poesia de Mia Couto

Castello (2016), no prefácio do livro *Poemas escolhidos*, estabelece uma aproximação entre a palavra e a semente, construindo uma metáfora embasada no poema “Idade”. O autor afirma que a perplexidade é o núcleo gerador da poesia de Mia Couto, a partir do momento que “[...] realiza um recuo radical em direção ao passado, perseguindo aqueles momentos originais em que o ser humano se formou”, isto é, a semente (CASTELLO, 2016, p. 8). Ao recusar o fruto, a poesia-semente “[...] se ergue contra o consumo voz do presente” (Ibidem, p. 9). Essa tomada de posição implica inserção num conjunto de possibilidades, de modo que “[...] seus versos acompanham a germinação de nossa história e de nossa identidade. Promovem, também, um desmascaramento do Eu, com seus enganos, suas empáfias e sua vaidade” (Ibid., p. 8).

Nas palavras de Castello (2016), o poeta, ao perseguir as origens, representada pela figura da semente, deve lidar com a “febre que precede ao conhecimento. Que esboça ilusões do Eu” (Ibid., p. 8). Ainda que a mente processe o conhecimento tardiamente, ela o faz de modo parcial, pois o poema não comporta integralmente a existência. O prefaciador não abandona a metáfora da semente, afirmando que, “No avançar na leitura, os ‘Poemas escolhidos’ de Mia Couto nos oferecem uma espécie de mapa enlouquecido, no qual as sementes fervem, as palavras germinam, a poesia, enfim, nasce” (Ibid., p. 15).

Embora a escrita poética de Mia Couto tenha se libertado de uma doutrina combativa, Micheletti (2018) observa que ele não se isenta de uma poesia engajada, exemplificando com o poema “Eles”, a partir do qual se observa o envolvimento de Mia Couto com a política anticolonialista: “[...] desde que chegaram / ficou sem repouso a baioneta / e os chicotes tornaram-se / atentos e sem desleixo” (COUTO,

2014, p. 32-33, apud MICHELETTI, 2018, p. 78). Por sua vez, Rodrigues e El Fahl (2016) se interessam pela questão identitária na poesia de Mia Couto. Para os autores, o poema “Identidade” tematiza a autodefinição: “preciso ser um outro / preciso ser eu mesmo” (COUTO, 1999, p. 13, apud RODRIGUES; EL FAHL, 2018, p. 320); além disso, os primeiros versos elaboram oposição entre “alteridade” e “identidade”: “preciso ser um outro / para ser eu mesmo”.

O tempo – objeto de nosso interesse – surge em *Poemas escolhidos* como eixo central, segundo Castello (2016), para quem a poesia de Mia Couto vem atada à passagem do tempo, como testemunho. Mas tal tempo, “[...] em vez de sincronizar e ordenar, desarruma e desarranja” (CASTELLO, 2016, p. 8), pois não é um tempo cronológico, mas sim, interior.

4 Caracterização da metodologia de pesquisa em “Idades cidades divindades” (2016)

Nossa pesquisa classifica-se como “bibliográfica”, por ser “[...] elaborada com base em material já publicado” (GIL, 2017, p. 33), ou seja, esse tipo de pesquisa se realiza a partir de registro disponível em material impresso, digital, sonoro ou audiovisual. Nas palavras de Severino (2014), nesse tipo de pesquisa, o investigador usa dados ou categorias registrados e explorados por outros pesquisadores, de modo que o texto se torna a fonte dos temas a serem pesquisados; logo, trabalha-se a partir “[...] das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos” (SEVERINO, 2014, p. 76). Quanto à abordagem, ela será qualitativa. Esta, de acordo com Prodanov e Freitas (2013), não faz uso de dados estatísticos nem prioriza a medição das unidades estudadas, pois o tratamento dos dados é descritivo. Os autores acrescentam que, nesse tipo de pesquisa, a preocupação do investigador volta-se para o processo, não para o produto da análise.

Por esse enfoque, procura-se compreender a figurativização do tempo na obra poética de Mia Couto. Para tanto, apoiamo-nos em Bertrand (2003) e Fiorin (2010) para questões de figuratividade e temporalidade, respectivamente. Sobre a poesia de Mia Couto, visitamos os autores Petrov (2014), Rodrigues e El Fahl (2016), Timbane (2015), Timbane e Bomfim (2020), entre outros, como informado na Introdução. Além desses, utilizamos Laranjeira (1995) para a compreensão das LALP, em especial a Literatura produzida em Moçambique. A obra escolhida para essa abordagem foi “Idades cidades divindades”, escolhida por Mia Couto para inseri-la no livro *Poemas escolhidos* (2016), a que tivemos acesso em versão eletrônica.

A coletânea *Poemas escolhidos* foi publicada pela Companhia das Letras, em 2016, com apresentação de José Castello. O livro de Mia Couto reúne poemas de três de suas obras poéticas na seguinte ordem: *Idades cidades divindades* (2007), *Raiz de orvalho e outros poemas* (1999) e *Tradutor de chuvas* (2011).

O primeiro livro está dividido em três seções, na ordem posta no título (*Idades cidades divindades*). “Idades” e “Cidades” comportam quatorze poemas cada uma, enquanto “Divindades” contém quinze. O segundo livro reúne vinte e oito poemas, sem divisão por seções, assim como o terceiro, que abrange quarenta e três poemas. Em nossa discussão, utilizaremos a versão digital de *Poemas escolhidos*, que está organizado em 1906 posições e 184 páginas. Nossa pesquisa envolve a seção que vai da página 17 à 72.

4.1 Análises das obras à luz da figuratividade: o tempo como estrutura

Dos 43 poemas que há em *Idades cidades divindades*, apenas 25 expressam a noção de tempo; alguns o fazem de modo persistente, como suporte do tema principal; outros somente mencionam uma expressão temporal. A partir dessa observação, organizamos a análise em dois tópicos: o primeiro centra-se no tempo como estrutura; o segundo, no tempo referido.

O tempo como estrutura surge nos poemas “Idades”, “Biografia” e “Tardio”, inseridos na primeira seção. Em “Idades”, a temporalidade é manifestada por substantivos e advérbios organizados numa sequência que insinua a passagem do tempo em três fases: “no início”, “depois” e “agora”:

No início,
eu queria um instante.
A flor.
Depois,
nem a eternidade me bastava.
E desejava a vertigem
do incêndio partilhado.
O fruto.
Agora,
quero apenas
o que havia antes de haver vida.
A semente.
(COUTO, 2016, p. 19)

As expressões “no início”, “depois” e “agora” apresentam caráter abstrato, o que lhes possibilita serem identificados como “temas”, e, dessa maneira, instauram um bloco temporal relacionado a um período experiencial do enunciador, um sujeito do querer insatisfeito. Essa insatisfação se reflete na mudança de seu objeto de desejo, que, no início, foi o “instante-flor”, depois a “vertigem-fruto” e, no presente, o que há “antes de haver vida”, materializado na figura “semente”. Por sua vez, as figuras “flor”, “fruto” e “semente” representam o desejo do enunciador.

O poema, a princípio, introduz o leitor num sistema temporal enuncivo ao apresentar duas temporalidades em concomitância com MR pretérito. A primeira seria o pretérito, sugerido pelo verso “no início”, o qual marca a origem do primeiro “querer” do enunciador. Esse desejo se exprime na forma verbal do imperfeito (“queria”), que implica aspectualidade durativa. Tal prolongamento temporal reflete a expansão do desejo no poema, alcançando o segundo bloco temporal iniciado por “depois”, no qual o sujeito desejante se apresenta descontente com a eternidade e ansioso pela vertigem-incêndio.

Essa temporalidade dilatada é interrompida pela introdução do tempo verbal presente (“quero”), que insere o sistema temporal enunciativo no texto, substituindo o momento de referência pretérito pelo momento de referência presente. Tal mudança atualiza o leitor quanto ao novo “querer” do enunciador, cujo interesse situa-se numa anterioridade em relação ao presente, pois ele quer “o que havia antes de haver vida”, a semente. Em suma, o enunciador se manifesta por um tempo enunciativo representado pelo advérbio “agora”, mas o seu objeto de interesse é localizado numa temporalidade enunciva, pois é anterior ao momento da fala. Apesar desse jogo temporal, o poema não tematiza o tempo. Ele surge apenas como estrutura do tema da inquietação do homem, sempre insatisfeito.

O poema “Biografia” estabelece estratégias temporais semelhantes às do anterior. Ele se inicia num sistema temporal enuncivo, manifestado pela forma verbal “foi”. Essa escolha promove uma aspectualidade terminativa da ação “nascer”, adjetivada como “prematura”, que, por sua vez, sinaliza para o rápido amadurecimento do enunciador do texto:

Todo o meu nascer
foi prematuro.
Agora,
em meus filhos
me vou dando às luzes.
Descendo, sim,
dos que hão de vir.
(COUTO, 2016, p. 20)

A introdução do advérbio “agora” substitui o sistema enuncivo pelo enunciativo. Daí decorre que o MR pretérito que abre o poema é substituído pelo MR presente. Essa estratégia cria um efeito de sentido de proximidade entre enunciador e leitor, que atua como contraparte, ou seja, enunciatário. Na estrofe acima transcrita, o poema apresenta aspectualidade durativa, introduzida pela perífrase verbal “vou dando às luzes”, que, além do aspecto durativo, produz um valor de repetição da ação no futuro sempre em relação a outros sujeitos (filhos). Nessa perspectiva, o “nascer” prematuro mencionado nos primeiros versos retorna como uma ação reiterativa

no tocante ao nascimento dos filhos. Além disso, essa reiteração parece justificar a subversão do tempo cronológico, quando o poeta diz descender dos que “hão de vir”. Temos, nessa afirmação, um jogo temporal que remete o leitor a um passado anterior ao momento da fala (“descendo”), na dependência de uma posterioridade (“hão de vir”). As figuras no poema se articulam com a temporalidade, mas não a concretizam. O tempo é manifestado sobretudo por palavras como “nascer”, “agora”, “vou dando” e “hão de vir”.

O poema “Tardio” tematiza o “modo de ser” do enunciador no mundo, o qual remete a uma lentidão que põe o sujeito enunciador em descompasso temporal sinalizado pelo advérbio “quando”, o qual marca o tempo do desejo. A partir dessa marcação, o enunciador vai tecendo um quadro dos momentos em que, apesar do desejo, não alcança uma plenitude, situando-o sempre no começo. Assim, seu desejo de ser fruto é interrompido pelo fato de ele ser fome e ser a esterilidade da areia. Do mesmo modo, quando o enunciador sonha em ser pano, percebe a si mesmo como agulha, morta no “sono do gesto de enrolar o fio”. E, quando ele aprende a ser poente, já não há céu, ou, ainda, “quando quis anoitecer tudo era luz”. Por isso, ao final do poema, o enunciador se diz condenado ao vislumbre o início.

Além do advérbio “quando”, os verbos “quis”, “sonhei”, “morri” e “aprendi”, tempos enuncivos, situam essas ações no MR pretérito, posteriormente substituído pelo MR presente devido à introdução de tempos enunciativos, como “me condeno” e “vislumbro”. Além disso, observa-se uma aspectualidade durativa nesse poema, embora a sua manifestação não esteja atrelada a uma expressão linguística, mas à reiteração da tenacidade infrutífera do enunciador, sujeito tardio em relação aos seus desejos.

Quanto aos temas e às figuras, concretizam o desejo do enunciador (“ser fruto”, “ser pano”, “ser poente”, “anoitecer”), além de enfatizar a percepção que o sujeito tem acerca de si próprio em relação aos seus desejos (“fome”, “areia”, “chão sem cio”, “agulha”, “não havia céu”, “tudo era luz”).

4.2 O tempo referido

O tempo referido está registrado em 05 poemas da seção “Idades”, 05 da “Cidades” e 12 da “Divindades”. Na maioria das vezes, ele surge pontual, associado a uma temática. Por exemplo, no poema “O espelho”, a noção de “tempo” aparece associada à temática da velhice, processo resultante do transcurso do tempo, como pode se lê no seguinte verso: “Esse que em mim envelhece”. Por sua vez, no poema “O tempo e seus suspiros”, as expressões “tempo” e “suspiros” antecipam a temática da velhice, explicitada no verso “Aos poucos, / meu cansaço / vai perdendo convicção. / A velhice é uma insônia”. Nesse trecho, a expressão “aos poucos”, associada ao cansaço, instaura um prolongamento do tempo relativo ao cansaço, reforçado pela locução verbal “vai perdendo”. Observe-se que esse

aumento temporal está associado ao presente durativo, pois as expressões “aos poucos” e “vai perdendo” têm como ponto de origem o ato de se deitar afirmado no primeiro verso e reiterado ao final do poema: “deito-me [...] deitamo-nos / e quem dorme é a cama (COUTO, 2016)

O tempo também se associa à temática da espera. No poema “A lentidão da sede”, o enunciador aprende a esperar pelo “tempo da água” consumida pelo boi, imagem que o enunciador relaciona ao seu momento final (“um dia, me cumprirei / findo e final / como os bois se acercam do / bebedouro”). A expressão “um dia” aponta para uma posterioridade em relação ao presente, reiterada pelo uso do futuro (“me cumprirei”) (COUTO, 2016).

Em “A adiada enchente”, o tempo surge como agente transformador. Ele age sobre o homem enquanto este espera pela vida (“Me tornei antigo, / porque a vida, / tantas vezes, se demorou. / E eu a esperei como um rio guarda a cheia”) (COUTO, 2016). Outro poema em que o tempo é transformador é “O pecado do rio”, da seção “Cidades”. Nele, o processo de transformação do sujeito (padre) ocorre pela experiência do rio, motivada pelo interlocutor “Rosarinho”: “Agora, / todas as noites / o padre se banha / nas águas do rio pecador” (COUTO, 2016). O advérbio “agora” remete ao momento do acontecimento, posterior à confissão de Rosarinho, enquanto a expressão “todas as noites” se refere à habitualidade do ato de banhar-se, que não se limita ao presente, mas se estende a uma temporalidade futura. Assim, entendemos que, nesse poema, o tempo surge apenas para ressaltar a mudança operada no padre (sujeito). O tempo como agente transformador também ocorre no poema “Percurso”, da seção “Divindades”. Nele, o advérbio “agora” opera uma divisão entre o período de aprendizagem do interlocutário e o período em que ele está de posse desse aprendizado: “teus braços foram feitos / para abraçar horizontes / és maior que o voo do sono”) (COUTO, 2016). Esse advérbio se insere num sistema enunciativo e remete à categoria “concomitância”; já o tempo verbal ali expresso, pretérito perfeito, remete a uma anterioridade ao momento da fala.

O tema do encarceramento é reiterado na série de poemas “Versos do prisioneiro”, da seção “Cidades”. Em “Versos do prisioneiro (3)”, o tempo aparece nos versos finais: “Quando abrirem as portas / eu serei, enfim, / o meu único carcereiro” (COUTO, 2016). Novamente, há um advérbio introduzindo a noção de tempo, reforçada pela presença da forma verbal “serei”, que situa as ações posteriormente ao momento de referência presente. E essa temporalidade reafirma a condição de prisioneiro que não desaparece, conquanto o enunciador se considere o carcereiro de si.

Em “Versos do prisioneiro (8)”, há quatro trechos em que o tempo é mencionado: a) “todas as noites / me deito num livro / para em outra vida desaguar”; b) “Agora / meu ouro é a palavra”; c) Agora, / a poesia é a minha única visita de família”; d) “Presos, / agora, / apenas os que não entram em meu novo cárcere”. (COUTO, 2016). O primeiro trecho apresenta uma aspectualidade reiterativa, a partir da qual

a ação repetida sinaliza para o caráter fugidio do enunciador, que busca, por meio da leitura, “desaguar” em outra realidade. O segundo excerto aponta para o valor dessa fuga, porque a nova riqueza do enunciador encontra-se na palavra-ouro. Também ocorre uma mudança do MR pretérito para o MR presente, pois o valor da palavra-ouro é situado no “agora”. É nessa temporalidade que a palavra se torna o novo ouro, e a poesia transforma-se na família que visita o prisioneiro, criando um paradoxo, visto que a palavra-poesia liberta ao tornar-se o novo cárcere para o enunciador.

Em “Versos do prisioneiro – a sentença”, o enunciador fala de seu desejo de liberdade: “um dia, / a nossa vida será, enfim / viva e nossa” (COUTO, 2016). Esta vida-viva, elemento do desejo do enunciador encarcerado, é situada num momento futuro, posterior ao da fala. A introdução dessa temporalidade sinaliza para o desejo do prisioneiro e sua condição de preso. O último poema dessa série é “Versos do prisioneiro – última carta do preso ao poeta”. Nele, o enunciador reflete sobre seu sofrimento – “durmo sem corpo / como um cão / que, em si mesmo / inventa travesseiro” – e sua condição de preso – “aqui se dorme como se vive: / com pouca pátria e muita insônia” (COUTO, 2016). A espera revela o desejo de morte do enunciador: “No enquanto da espera, / me vou, por vezes, suicidando” (COUTO, 2016). Por isso, ele afirma que, nesses dias, “não risco o tempo nas / paredes” (COUTO, 2016). Em suma, o encarceramento obriga à espera que aproxima o enunciador ao desejo de morte, definida como “falsa”, ou seja, “de quem não quer viver em falso” (COUTO, 2016). Nesse poema, o tempo surge em algumas expressões: “adia”, “dormirei”, “quando”, “nesses dias”. Todos esses elementos se relacionam ao estado de espírito do enunciador, que a espera tornou tédio.

Em “Depoimento”, da seção “Divindades”, a expressão temporal “nunca antes” marca o modo do amor: “E amei / como se nunca antes” (COUTO, 2016), que se coloca numa anterioridade ao ato de amar, o qual, por sua vez, está inserido num MR pretérito (“amei”). Outro poema que relaciona o tempo ao amor é “O amor, meu amor”, no qual o tempo aparece, inicialmente, como uma condição da impureza: “Nosso amor é impuro / como impura é a luz e a água / e tudo quanto nasce e vive além do tempo” (COUTO, 2016). Além disso, refere-se a um momento pontual como em: “Minhas pernas são água, / as tuas são luz / e dão voltas no universo / quando se enlaçam / até se tornarem deserto e escuro” (COUTO, 2016). Nesse trecho, o advérbio “quando” marca o instante do intercurso sexual, presente em outros versos: “E toco-te / para deixares de ter corpo / e o meu corpo nasce / quando se extingue no teu”, “Mas eu deito-me em teu leito / quando apenas queria dormir em ti” e “E sonho-te / quando ansiava ser um sonho teu” (COUTO, 2016). Ao contrário dos poemas anteriores, esse se organiza pelo momento de referência presente, criando um efeito de sentido de proximidade entre enunciador e leitor.

Por sua vez, em “Lembrança alada”, o termo “tempo” surge personificado, pois o enunciador afirma: “Guardo a pluma / que resta dentro do peito / como

um homem guarda o seu nome / no travesseiro do tempo” (COUTO, 2016). A personificação do tempo também é visível em “A espera”, em que “o tempo perde a fonte / e a manhã nasce tão exausta / que a luz chega apenas pela noite” (COUTO, 2016). Ele também é agente do verbo “morrer” em “Fui morto pelo tempo / no dia em que te esperei”.

Para finalizar esta seção, apresentaremos excertos de alguns poemas em que a menção ao tempo é pontual: em “A condenação”, ele é cronológico e marca o momento da escrita: “Nessa noite, / de regresso a si mesmo, o poeta escreveu derradeiros versos / para matar de vez a poesia” (COUTO, 2016); em “Lições”, o tempo é um elemento dominado: “Criança, eu sabia / suspender o tempo” (COUTO, 2016).

Uma expressão recorrente acerca do tempo é o “quando”, que está em “O amor, meu amor”, já comentado, em “Semente”, numa temporalidade não marcada – “se, de quando em quando” (COUTO, 2016) –, e, na maioria das vezes, como medida de tempo: “quando a si mesmo se contempla” (COUTO, 2016), segundo se lê no poema “Cego”; “quando chegas”, de “A demora”; “quando terminou”, de “O beijo e a lágrima”; “quando sobre o abismo da morte” e “quando escreve”, de “O poeta”.

Considerações finais

Nosso percurso investigativo se preocupou, inicialmente, em compreender de que maneira a noção de “tempo” era figurativizada na poesia de Mia Couto. De modo específico, buscamos responder como isso se manifestava no plano linguístico-semântico, para saber se o tempo exerceria uma ou mais funções na poesia coutiana. Para tanto, utilizamos duas noções da Semiótica, a de “figuratividade” e a da categoria enunciativa “tempo”. A primeira engloba o conceito de “tema”, definido como elemento abstrato que explica o mundo natural, e o conceito de “figura”, elemento que recebe investimento semântico, e, portanto, icônico. Essa característica o capacita a representar o mundo natural. A segunda noção, categoria “tempo”, foi observada a partir da proposta de Fiorin (2010), que explora a temporalidade sob três pontos de vista: a) da organização do tempo em três momentos (da enunciação, de referência e do acontecimento); b) da concomitância ou não concomitância entre os momentos; c) da anterioridade e posterioridade entre os tempos verbais. Esses pontos, por sua vez, estão submetidos a dois sistemas, o enuncivo e o enunciativo.

Além de discorrer sobre as referidas categorias, na seção “A poética de Mia Couto”, procuramos situar a escrita coutiana nas LALP e na Literatura Moçambicana, para em seguida comentar o percurso de Mia Couto na literatura, destacando a sua poesia. Na metodologia, enfatizamos o caráter qualitativo e bibliográfico desta pesquisa e apresentamos nosso objeto de estudo, o livro *Idades cidades divindades*, inserido no livro digital *Poemas escolhidos 2016*. Dos 43 poemas que compõem a seção analisada, 25 mencionaram o tempo, de modo persistente ou apenas referido.

Ao analisar os 25 textos poéticos percebemos que eles se dividiam em duas categorias: “tempo como estrutura” e “tempo referido”. No primeiro, o tempo servia de estrutura para a temática do “Ser”. Em “Idades”, esse ser se manifestava na persistente insatisfação do enunciador. Em “Biografia”, o foco foi a constituição desse “ser” em relação ao seu nascimento e à perpetuação de si nos filhos. No poema “Tardio”, o foco foi um descompasso entre o que o enunciador deseja ser e o que realmente era. Nos três poemas, apesar de o tempo ser estruturante, a persistência estava a serviço de outras temáticas. O mesmo ocorre com os poemas da seção “Tempo referido”. Ali, vemos o tempo exercendo papel secundário em relação a algumas temáticas, como a do “encarceramento”, na qual o tempo está como medida da espera. Além disso, o tempo aparece, principalmente, por instauração de elemento temático, de caráter linguístico-semântico, a exemplo dos advérbios “quando”, “agora”, “aos poucos”; tempos verbais (pretérito imperfeito, presente e futuro); uso da palavra “tempo”.

Pelo exposto, acreditamos ter alcançado nosso objetivo; no entanto, as hipóteses foram confirmadas só parcialmente, já que, embora o tempo se manifeste por estratégias linguístico-semânticas, essa ocorrência foi predominantemente por temas; além disso, o tempo exerce apenas uma função estruturante, de temáticas não tangenciais à temporalidade. É importante ressaltar que essas conclusões se limitam ao livro *Idades cidades divindades*, no qual, como afirmamos, o tempo se manifesta, sobretudo, por meio de temas, estando subdividido em duas modalidades (“tempo como estrutura” e “tempo referido”). Portanto, não seria prudente estender essa conclusão a toda poética de Mia Couto. Por essa razão, é necessário investigar os outros livros de poemas (*Tradutor de chuva, Raiz de orvalho, Raiz de orvalho e outros poemas e Vagas e lumes*) desse literato, tarefa para a qual considerariamos, além da categoria “tempo”, outras de natureza enunciativa, como “espaço” e “pessoa”.

SILVA, M. A.; TIMBANE, A. A. *Figurativization of time in “Idades cidades divindades” (2016), by Mia Couto. Itinerários*, Araraquara, n. 55, p. 239-257, jul./dez. 2022.

■ **ABSTRACT:** *The Mozambican writer Mia Couto has become one of the most prominent in the literary arena. This writer, whose work displays an idiosyncratic style of his own, has produced short stories, novels, chronicles, and poetry. His work has been published and translated into several languages, such as Italian and French. This research aims at examining the figurativization of time in Mia Couto's poetry, in the book “Ages, Cities, Deities” (2016). Specifically, it intends to comprehend the linguistic-semantic aspects of temporality and its effects on the construction of meaning in both figurative and thematic poems, as well as it intends*

to verify which functions are carried out by such temporality in Mia Couto's work. The methodological framework was both bibliographic and qualitative, once we have focused on the relations engendered by figurativization. The results have shown that the category of time in Mia Couto's poetry either emerges as a structure or it is merely mentioned. These occurrences reveal a basic function, the structuring one, that is to say, time is managed by other themes, such as love, sex, and the being in the world. This investigation is in line with the discursive semiotics, mainly with the works of Bertrand (2003) and Fiorin (2010).

■ **KEYWORDS:** Structuring element. Figurativization. Function. Mia Couto. Time.

REFERÊNCIAS

- BERTRAND, D. **Caminhos da semiótica literária**. Tradução do Grupo CASA. São Paulo: EDUSC, 2003.
- CASTELLO, J. A palavra e a semente. In: COUTO, Mia. **Poemas escolhidos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p. 8-16.
- COUTO, M. Idades cidades divindades. In: **Poemas escolhidos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p. 17-72.
- CRAVEIRINHA, José. **Babalaze das hienas**. Maputo: Associação dos Escritores Moçambicanos, 1997.
- FIORIN, J. L. **As astúcias da enunciação**. São Paulo: Editora Ática, 2010.
- FIORIN, J. L. **Elementos de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2016.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2017.
- LARANJEIRA, P. **Literaturas africanas de expressão portuguesa**. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.
- MICHELETTI, E. F. Mia Couto: uma estética engajada. **Criação & crítica**. São Paulo, n. 21, p. 77-90, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/145796>. Acesso em: 01 jul. 2021.
- PETROV, P. **O projecto literário de Mia Couto**. Lisboa: CLEPUL, 2014. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/95166605.pdf>. Acesso em: 01 jul. 2021.
- PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.
- RODRIGUES, O. P.; EL FAHL, A. O. F. A questão identitária na poesia: uma análise de *Raiz de Orvalho*, de Mia Couto. **Folio: revista de letras**. Vitória da Conquista, v. 8, n. 2, p. 313-326,

2016. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/folio/article/view/2781>>. Acesso em: 01 jul. 2021.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2014.

THAMOS, M. N. Figuratividade na poesia. **Itinerários**, Araraquara, n. especial, p. 101-118, 2003. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/2675>. Acesso em: 01 jul. 2021.

TIMBANE, A. A. O português moçambicano: um olhar sobre os neologismos em cartas de opinião e em obra de Mia Couto “Terra sonambula”. In: ALVES, I. M.; PEREIRA, E. S. (Orgs.). **Neologia das línguas românicas**. São Paulo: Humanitas; CAPES, 2015. p. 1035-1048.

TIMBANE, A. A.; BOMFIM, B. O. A cultura africana na obra *Terra sonâmbula* de Mia Couto e a proposta metodológica para o ensino da literatura. **Contraponto** – Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da UFPI. Teresina, v. 9, n. 2, jun./dez. 2020, p. 637-658.

